

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 001 07/01/2008 - Fone: 3340 3066

Cotação de Preços (07/01/08)

GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)

Feijão Carioca¹ - R\$ 180,00 - 200,00 / sc de 60 kg

Milho² - R\$ 31,00 / sc de 60 kg

Soja² - R\$ 42,00 / sc de 60 kg

HORTALIÇAS³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 6,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 7,00 / cx 20 kg

Cenoura - R\$ 6,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 9,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,40 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 32,00 / Dz

Mandioca - R\$ 12,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ 6,00 / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 6,00; Estufa R\$ 8,00 / cx 12 kg

Quiabo - R\$ 18,00 / cx 12 a 14 kg

Repolho - R\$ 12,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 24,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 25,00 / cx 20 kg

Maracujá - R\$ 1,70 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ xxxx / cx 20 kg

Limão - R\$ 7,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA

Bovino

Arroba⁴ - R\$ 65,00 Não Rastreado e R\$ 67,00 Rastreado

Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelados)⁵
- R\$ 400,00 a 420,00

Leite

Litro⁶ - Latão: R\$ --- ; Tanque: R\$ 0,68

Suíno⁷ - Vivo

Kg - R\$ 2,95

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,68

-- Galinha Caipira⁸

Unidade (± 1,7 Kg) - R\$ 14,00

Carneiro⁹

Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80

Peixe¹⁰ (Tilápia) (Preço líquido pago ao produtor)

Kg - R\$ 2,50

Avestruz¹¹ - vivo

Kg - R\$ 4,50 a 5,00

Recortes

Conab estima safra de grãos em 134 milhões de toneladas

A safra de grãos do período 2007/08 segue como a maior da história. O terceiro levantamento da produção brasileira divulgado pela Conab e IBGE aponta uma colheita de 134,8 milhões de toneladas. Levando em conta o ciclo anterior (131,8 milhões t), o crescimento é de 2,3%. Este é o primeiro resultado agrícola unificado dos dois órgãos, que passaram a trabalhar conjuntamente nas pesquisas do setor.

Fonte: Agrolink

Falta matéria-prima viável para biodiesel

Ainda distante de estar disponível em grande escala no Brasil, o pinhão-mansão é a única matéria-prima com viabilidade econômica para produção de biodiesel no País. O levantamento, que incluiu outras quatro culturas, foi feito pela AgraFNP e mostra que o biodiesel feito de pinhão-mansão (a partir dos preços do óleo no mercado) é o único cujo custo de produção por litro (R\$ 1,21) é inferior ao preço médio praticado nos leilões da Agência Nacional de Petróleo (ANP) (R\$ 1,807). Com custo acima do valor dos leilões estão o girassol (R\$ 2,33), a soja (R\$ 2,59) e o dendê (R\$ 2,62). A mamona, menina dos olhos do programa de Biodiesel do governo Federal, foi a cultura que apresentou a pior relação entre todas as matérias-primas (R\$ 5,70). "O desempenho ruim da mamona se deve à baixíssima produtividade de óleo", explica José Vicente Ferraz, diretor da AgraFNP, empresa no Brasil, do grupo Informa.

Fábio Turquino Barros, também da consultoria, explica que dados os altos preços dos óleos vegetais, transformá-los em biodiesel (que tem valor de mercado menor) tem que ser decisão com objetivo estratégico. "Isso significa perder o custo de oportunidade, ou seja, deixar de vender o óleo (com preço maior) e processá-lo para fabricação de biodiesel", explica Turquino.

Dessa forma, a melhor variável a ser considerada na equação é o custo de produção da matéria-prima. Nesse caso, Ferraz considera o girassol uma boa alternativa, pois é cultura que permite duas safras anuais, diluindo custos fixos. Segundo o levantamento, o custo de produção do óleo de girassol é de R\$ 0,74 e, entre as culturas já existentes em escala comercial, só perde para o dendê (R\$ 0,53). "Além disso, o farelo de girassol é um subproduto muito valorizado no mercado", completa Ferraz.

Ele lembra, que no início da produção de álcool em larga escala no Brasil, o negócio também não parecia ser tão bom. "Aos poucos, o setor foi ganhando eficiência econômica e industrial", lembra Ferraz. O estudo, inédito no País, foi marco da criação do departamento de Agroenergia da AgraFNP. Fonte: Gazeta Mercantil

Mandioca pega carona nos grãos

As altas nos preços do milho estão valorizando também um outro produto, considerado periférico na agricultura nacional: a mandioca. A correlação está no amido, um produto que pode ser feito de milho ou de mandioca, e que é usado nas indústrias de alimentação, siderurgia e de papel. “O aumento nos preços do milho e as perspectivas de novas altas, além de escassez do grão no mercado, estão fazendo com essas indústrias, antigas clientes da mandioca, voltem a consumir o amido dessa raiz”, diz Ivo Pierin Júnior, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Amido de mandioca.

O resultado é que desde junho, o produto se valorizou 42%, segundo Pierin, saindo de R\$ 0,70 o quilo para R\$ 1,00, se equiparando ao valor do amido de milho. Esse valor é o maior desde 2004, quando uma forte quebra na safra de mandioca no Brasil provocou preços de R\$ 2,00 no quilo e uma afugentação de clientes industriais da mandioca, conforme recorda Pierin.

E a perspectiva para o próximo ano é de que os preços se mantenham em alta e que o amido de mandioca aumente sua participação no cenário nacional. “Atualmente, temos um terço de todo o mercado de amido do Brasil. O restante é do milho. Esperamos elevar esse percentual no médio prazo”, diz o executivo.

O Brasil produzirá em 2007 em torno de 650 milhões de toneladas de amido de milho, em torno de 20% mais que em 2006.

Os dois amidos (milho e mandioca) são substitutos em 70% a 80% das aplicações industriais. Em alguns setores, é preferível o uso da mandioca, como na fabricação de papel fino. “Nesse caso, o amido de mandioca tem vantagem por ter uma coloração mais clara e por ter uma viscosidade menor, o que permite aumentar a velocidade das máquinas na indústria”, acrescenta.

Atualmente, em torno de 50% da produção de amido do Brasil segue para alimentação. Nesse setor, 30% são usados na panificação e, 18% em embutidos, ramo no qual o amido de mandioca tem vantagem sobre o milho, por ter características em temperaturas mais adequadas.

Produção

No campo, o produtor de mandioca também está sentindo melhores preços. Atualmente, o valor pago é de R\$ 165,00 a tonelada, em torno de 36% maior que o pago até agosto, segundo informa Kleto Lanziani Janeiro, presidente da Associação dos Produtores de Mandioca do Noroeste do Paraná (Abroman), que detém 30% da produção nacional, que neste ano deve atingir 26 milhões de toneladas. “A partir de janeiro, entra mais oferta de mandioca no mercado, no entanto, a expectativa é de que esse valor se sustente ou não caia tanto quanto nos anos anteriores, por conta dos fortes preços do milho”, avalia o presidente da Abroman.

Ele acredita que no próximo ano a produção de mandioca deve crescer, uma vez que os preços estão fortalecidos e trazendo boa remuneração ao mandiocultor, que tem custo de produção de R\$ 120 por tonelada, margem bruta de 37% diante do preço de R\$ 165, atualmente praticado no mercado.

Ele garante que o produtor não está segurando mandioca para forçar a alta de preços. “O que tínhamos de estoque já acabou. E o que era para colher já foi colhido”, afirma.

O aquecimento do mercado da mandioca está trazendo mais indústrias ao setor, segundo Pierin, da Abroman. Ele estima que nos últimos dois anos, houve um aumento de 15% na capacidade instalada, atualmente em torno de 1,5 milhões de toneladas. “Algumas indústrias estão se instalando no Centro-Oeste e no Norte”, completa o executivo.

Se confirmar a produção de 650 mil toneladas, a indústrias de amido de mandioca estará com capacidade ociosa de cerca de 45%. “Esse percentual será reduzido na medida em que conseguirmos recuperar o mercado que perdemos em 2004”, aposta Abroman.

Fonte: Gazeta Mercantil